

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS

LARISSA ORCELLI FREIRE

O PAPEL DO SONHO NA COMPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS DE
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Brasília

Dezembro de 2015

LARISSA ORCELLI FREIRE

O PAPEL DO SONHO NA COMPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS DE
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Monografia apresentada ao Curso de Letras
da Universidade de Brasília - UnB - como
requisito para obtenção do grau em
Licenciatura.

Orientadora: Fabrícia Wallace

Brasília

Dezembro de 2015

“Um sonho nunca é v3o pois que persiste.”

Elizabeth Hazin

RESUMO

O presente texto visa explicitar e analisar a relevância do sonho na composição das obras do escritor angolano José Eduardo Agualusa, com foco nas obras *O vendedor de passados*, *As mulheres do meu pai* e *Teoria geral do esquecimento*. O tema foi escolhido pela clara ocorrência dos assuntos oníricos no material literário de Agualusa, bem como das declarações do próprio autor sobre a importância do tópico. A escrita divide-se em três níveis, a saber, o nível da diegese, o da narração e o do autor empírico, onde são analisados trechos das obras e comparados entre si, e um capítulo final onde se apresenta o entrelaçamento existente nas narrativas. Por fim é demonstrada a forte influência dos sonhos no ofício do escritor em destaque.

PALAVRAS-CHAVE: Sonho; Literatura; José Eduardo Agualusa.

ABSTRACT

The text in question aims to explain and analyze the relevance of the dream in the composition of the works of the angolan writer José Eduardo Agualusa, with focus in the books *O vendedor de passados*, *As mulheres do meu pai* and *Teoria geral do esquecimento*. The theme was chosen for the clear occurrence of the topic. The writing splits in three levels, as it is known, the level of diegese, the level of the narration and the level of the empirical author, where the excerpts of the books are analyzed and compared with each other, and a final chapter where is presented the interlacement that exists in the books. Lastly, it is demonstrated the strong influence of the dreams in the craft of the writer highlighted.

WORDS-KEY: Dream; Literature; José Eduardo Agualusa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. Nível da diegese.....	7
2. Nível da narração.....	12
3. Nível do autor empírico.....	15
4. Entrelaçamento.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

INTRODUÇÃO

O sonho, perceptivelmente, é assunto bastante recorrente na obra de José Eduardo Agualusa. O escritor angolano demonstra insistência e atenção ao abordar a temática onírica em sua literatura, moderna, inovadora e atual. A proposta aqui é analisar, em três diferentes níveis, o papel do sonho na composição das narrativas deste autor. O primeiro destes dará margem ao campo da diegese, discutindo o sonho como composição do enredo. O segundo será baseado no campo da narração, tratando do autor personagem que sonha. E por fim, a elucidação do autor empírico, por meio de entrevistas e outros textos, sobre o sonho em seu ofício. Para tanto, como corpus literário estarão em foco os romances: *O vendedor de passados*, *As mulheres do meu pai* e *Teoria geral do esquecimento*.

Inicialmente, em uma leitura ainda incipiente, o leitor já se depara com evidências explícitas que demonstram a relação do sonho com o processo de escrita de Agualusa. “É nos sonhos que tudo começa” (p. 171), por exemplo, é o título de um dos capítulos de *Teoria geral do esquecimento*, no qual o escritor deixa subentendido que a história que se acaba de ler surgiu de um sonho que ele próprio teve com as personagens principais. Este e outros trechos, por vezes não tão evidentes, terão maior espaço no decorrer desta proposta de escrita minha.

Nota-se que há ainda, para além da ideia do sonho, um entrelaçamento dentro de cada narrativa, de personagens e histórias, bem como das narrativas entre si, que compartilham nomes, personalidades e citações. Este tópico será juntamente descrito e explorado, visto que possui relação com a construção e composição das obras do autor.

Nível da Diegese

Quando se pensa o surgimento dos sonhos compondo a obra no nível da diegese, ou seja, no próprio conjunto da ficção, os três romances escolhidos aqui são fornecedores de inúmeros exemplos. Em *O vendedor de passados* existem mesmo capítulos específicos para os sonhos do narrador que o remetem a sua vida passada. No trecho a seguir, o personagem vivencia o “Sonho nº 1”, onde se vê caminhando por pessoas que não o veem, não o ouvem nem o sentem. Ele diz:

Há três dias que sonho com isto. Na minha outra vida, quando tinha ainda forma humana, acontecia-me o mesmo com certa frequência. Lembro-me de acordar depois com a boca amarga e o coração cheio de angústia. Acho que nessa época era uma premonição. Agora é talvez uma confirmação. Seja como for já não me aflige. (AGUALUSA, 2004, p. 31)

Percebe-se que há uma antecipação do futuro por meio do sonho retomado, denominada pelo narrador de premonição, que no presente é confirmada, porém sem ter sobre ele a mesma recepção que na época passada. Assim, a memória relembra sonhos antigos que de alguma forma permaneceram. Em outro trecho, o personagem principal, Félix, retoma um pesadelo dele de criança notando como as vivências influenciam no material onírico:

Adormecia, sonhava com os quissondes, e quando acordava eles continuavam ali, em meio ao fumo, àquele fumo acre, milhões de pequenas máquinas trituradoras, com a sua fúria cega e uma fome ancestral. Adormecia, sonhava, e eles entravam por dentro dos meus sonhos [...] (idem, p. 94/95)

A partir da experiência marcante que viveu com as “máquinas trituradoras” e do peso que isto teve em sua infância, o personagem refaz as cenas num sonho transpassado pela realidade que pode ainda ter sido inventada ou ficcionalizada pelo narrador.

Os sonhos aparecem também como uma espécie de fuga da realidade ou como uma realidade mais interessante. É nos sonhos onde grandes e belas coisas acontecem, estas que seriam raras na vigília¹. Eulálio, o narrador-osga, traz um ensinamento de sua antiga mãe sobre a dureza da vida:

– A realidade é dolorosa e imperfeita –, dizia-me: – é essa a sua natureza e por isso a distinguimos dos sonhos. Quando algo nos parece muito belo pensamos que só pode ser um sonho e então beliscamo-nos para termos a certeza de que não estamos a sonhar – se doer é porque não estamos a sonhar. A realidade fere, mesmo quando, por instantes, nos parece um sonho.” (idem, p. 102)

Neste trecho fica evidente a noção de que a realidade rompe o sonho e os devaneios, pois ela fere. Sendo assim, a dor do belisco define o limite entre o que é físico e o que é onírico.

Em *As mulheres do meu pai* o sonho também aparece como forma de distorção da realidade, ou seja, um lugar onde coisas irreais são possíveis. Uma das mulheres de Faustino Manso, que sonhou durante anos com seu retorno, não se abala diante da realidade contrária, então o sonho é transformado pela espera:

– Hei-de ser teu até à hora da minha morte.

Fatita sonhara durante sete anos com aquele momento. Levantou-se e foi à janela espreitar a tempestade. Nos seus sonhos Faustino aparecia numa noite idêntica. Abraçava-a, deitava-lhe a cabeça no colo, entrançava-lhe o cabelo, e ela chorava. Acordava de manhã, muito cedo, com a almofada húmida de lágrimas. Diante da realidade, porém, Fatita não chorou. (AGUALUSA, 2007, p. 113)

O sonho pode ter a função de sugerir, premeditar, metaforizar algumas situações, como quando Bartolomeu conversa com Mandume sobre um sonho que teve:

¹ Ocorre da mesma forma na obra de Marcel Proust, *No caminho de Swann*, onde o narrador prolonga a vigília esperando o beijo da mãe, e por isso fantasia e cria sonhos despertos referentes ao desejo aguardado.

[...] Mandume voltou a suspirar. Tive pena dele. Disse-lhe:

– Sonhei com a tua sereia.

– Não me chateies...

– A sério. Sonhei que me afogava. Então ela apareceu e arrastou-me para a margem. Mas era a margem errada...

– Errada?! Errada como?

– Sei lá! Sei que era a margem errada. Isto é, no sonho eu sabia que aquela era a margem errada.

– E o que aconteceu depois?

– Não me lembro. Estou aqui a tentar lembrar-me mas não consigo. (idem, p. 243)

ou quando Dona Anacleta, logo ao conhecer Faustino Manso e ao perceber que era um jovem inconstante e livre de amarras amorosas, sentiu o sofrimento futuro por meio de um sonho analógico:

[...] Nessa noite deitou-se angustiada e teve dificuldade em adormecer. Sonhou que a perseguia uma legião de anjos, ou de gafanhotos, ou umas vezes de anjos e outras de gafanhotos, sendo que quer uns quer outros traziam as cabeças cobertas por véus muito escuros, como se tivessem a própria noite enrolada à cabeça, com todas as suas estrelas, os seus planetas atordoados, as antiquíssimas constelações perplexas com que Deus joga aos dados para combater o fastio. Acordou lavada em lágrimas, e continuou a chorar durante o resto do dia, pelo muito que, tinha a certeza, iria sofrer em razão da sua escolha. (idem, p. 470)

O sonho, no trecho acima, aparece como uma metáfora para os problemas na relação de amor que viveria com Faustino. O véu negro, a perseguição de gafanhotos e o jogo de dados mistura os fatos que a rondavam: o possível casamento, a música e a imprevisibilidade de tudo.

Instigando alguma ideia o sonho pode ser um ponto de partida para grandes mudanças, como a história de outra mulher de Faustino Manso, Sylviane Dzilnava, que “Um dia, ao despertar, descobriu que sonhara em português. Pediu um passaporte moçambicano e queimou o francês. Por essa altura já era conhecida

em toda a parte como a Namorada da Revolução.” (idem, p. 314). Aqui existe a ideia do sonho como uma revelação de símbolos, os quais precisarão ser enxergados, lidos pelo sonhador. Sylviane precisou interpretar a mudança da língua no sonho para que a mudança fosse concretizada.

Em alguns momentos a realidade pode parecer pouco nítida e assemelhar-se a um sonho, como o caso de Mandume, duvidoso sobre a experiência que viveu com Laurentina noites antes:

[...] Navios ferrugentos encostam-se ao sólido cais de betão como sonhos mortos.

[...]

– Tem muita graça, a tua estória, mas não te deixo fugir. Diz-me, em Cape Town entraste no meu quarto e fizeste amor comigo, ou fui eu que sonhei?

– Sonhaste, claro! Foi um sonho bom?

– Foi. Tão bom que fiquei com o teu cheiro colado à pele durante um dia inteiro. Ainda hoje sinto o teu cheiro, acreditas? Seria capaz de te reconhecer, pelo cheiro, entre dezenas de mulheres... (idem, p. 330)

Nesta passagem o aspecto concreto que mostra o caráter real da cena é o perfume de Faustina, que fica impregnado na memória de Bartolomeu fazendo-o descrever de que o que vivera tivesse sido apenas um sonho.

Em *Teoria Geral do Esquecimento* os sonhos costumam se referir a devaneios e reflexões que indicam a solidão e a monotonia vivenciadas pela protagonista Ludo, trancada por anos em um apartamento sem contato com o mundo:

Uma noite, Ludo sonhou que por baixo das ruas da cidade, sob os respeitáveis casarões da baixa, se alongava uma interminável rede de túneis. As raízes das árvores desciam, soltas, através das abóbadas. Milhares de pessoas viviam nos subterrâneos, mergulhadas na lama e na escuridão, alimentando-se do que a burguesia colonial lançava para os esgotos. Ludo caminhava por entre a turba. Os homens agitavam catanas. Batiam as lâminas umas contra as outras e o ruído ecoava pelos

túneis. Um deles aproximou-se, colou o rosto sujo ao da portuguesa e sorriu. Soprou-lhe ao ouvido, numa voz grave e doce:

– O nosso céu é o vosso chão. (AGUALUSA, 2012, p. 17)

O sonho aparece ainda como reflexo da realidade. Sem grandes acontecimentos que marcassem a vigília, o ato de dormir acaba se desdobrando dentro do próprio sonho:

Hoje não aconteceu nada. Dormi. Dormindo sonhei que dormia. Árvores, bichos, uma profusão de insetos partilhavam os seus sonhos comigo. Ali estávamos todos, sonhando em coro, como uma multidão, num quarto minúsculo, trocando ideias e cheiros e carícias. Lembro-me que fui uma aranha avançando contra a presa e a mosca presa na teia dessa aranha. Senti-me flores desabrochando ao sol, brisas carregando pólenes. Acordei e estava sozinha. Se, dormindo, sonhamos dormir, podemos, despertos, acordar dentro de uma realidade mais lúcida? (idem, p. 33)

Está inserido na citação acima o conceito de ‘narrativa de encaixe’ que, segundo Carlos Ceia no E-Dicionário de Termos Literários, é o “processo de interligação de sequências narrativas: uma dada sequência é entalhada numa outra [...]”. Percebe-se que, por vezes, quando a personagem sonha, dentro de tal sonho encaixa-se outro, e assim se intercalam duas narrativas diferentes. O questionamento que fica, ao fim, refere-se às recorrências deste encaixe durante a vigília, que pode ser respondido positivamente. Há momentos, por exemplo, em que, durante devaneios, se encaixam outras reflexões, criando uma imensa teia fantasiosa e onírica dentro da realidade desperta.

Outra passagem desta obra que deve ser comentada aqui é quando Ludo sonha com a visita de um anjo. Esta é uma metáfora para o presságio que se concretiza no dia seguinte, com a descoberta de que o apartamento tem sido invadido:

Voltou a sofrer com fome. Ergueu-se certa madrugada, sacudindo pesadelos, entrou cambaleante na cozinha e viu um pão sobre a mesa [...]

Nessa noite adormeceu cedo. Sonhou que um anjo vinha visitá-la.

Ao amanhecer encontrou, sobre a mesa da cozinha, seis pães, uma lata de goiabada e uma garrafa grande de Coca-Cola. (AGUALUSA, 2012, p. 97-98)

Os alimentos deixados no apartamento de Ludo refletem a realidade antecipada pelo sonho. O anjo é, na verdade, um menino que escalou os andaimes do prédio e entrou pelo terraço, deixando para a moradora pães, goiabada e Coca-Cola.

Como é possível perceber nos trechos citados referentes às três obras em destaque, o sonho no nível da diegese é instigador para a composição da narrativa, ou seja, é um conjunto de signos nos quais os personagens se basearão para dar segmento às suas histórias e, conseqüentemente, ao enredo dos romances.

Nível da narração

É clara a influência dos sonhos na composição da narrativa. Percebe-se a ideia de que, certos personagens e cenas surgiram de um sonho. Neste ponto, porém, o escritor cria uma narrativa de encaixe, onde o leitor fica em dúvida se tais falas se referem ao narrador ou ao autor empírico. O trecho final de *O vendedor de passados* encena a ambigüidade narrador/autor podendo descrever tanto uma declaração de Félix quanto uma confissão de Agualusa:

Acho que era o meu melhor amigo. Deixarei, suponho, de o encontrar em sonhos. A memória que me resta dele, aliás, parece-se cada vez mais, a cada hora que passa, com uma construção de areia. A memória de um sonho. Talvez eu o tenha sonhado inteiramente - a ele, a José Buchmann, a Eduardo Barata dos Reis. Não me atrevo a escavar o

quintal, junto à buganvília, porque me aterroriza a possibilidade de não encontrar nada. A Ângela Lúcia, se a sonhei, sonhei-a muito bem. [...] Vem-me à memória a imagem a preto e branco de Martin Luther King discursando à multidão: *eu tive um sonho*. Ele deveria ter dito antes: *eu fiz um sonho*. Há alguma diferença, pensando bem, entre ter um sonho ou fazer um sonho.

Eu fiz um sonho. (p. 197)

Há uma diferença entre ter e fazer um sonho. Tê-lo pressupõe uma independência em relação ao sonhador, enquanto fazê-lo indica um processo de ação, que, no caso do escritor envolve a escrita em si. Em se tratando do autor em questão, os dois verbos são adequados para descrever a criação das obras. O sonho que o narrador/autor teve precedeu o ato de concretizá-lo literariamente. Ao mesmo tempo em que se conclui do trecho que o personagem Félix possa ter sonhado com o que acabou de narrar, pode-se chegar a uma segunda interpretação, de que o próprio Agualusa tenha sonhado com tudo que ficcionalizou.

Em *As mulheres do meu pai* ocorre algo semelhante, mas no trecho inicial da narrativa. Há a confirmação de um sonho onde aparece ao narrador (ou ao autor) uma das personagens da obra que ele começa a escrever, criando, outra vez, uma dualidade de interpretação:

Acordei suspenso numa luz oblíqua. Sonhava com Laurentina. Ela conversava com o pai, o qual, vá-se lá saber porquê, tinha a cara do Nelson Mandela. Era o Nelson Mandela, e era o pai dela, e no meu sonho tudo isso parecia absolutamente natural. Estavam sentados ao redor duma mesa de madeira escura, numa cozinha idêntica em tudo à do meu apartamento na Lapa, em Lisboa. Sonhei também com uma frase. Acontece-me frequentemente. Eis a frase:

– De quantas verdades se faz uma mentira?

[...]

Karen estava sentada na cama, o cabelo castanho em desalinho. Disse-lhe:

– Sonhei com Laurentina...

– A sério? Isso é bom. As personagens começam a existir no momento em que nos aparecem em sonhos. (p. 19-20)

A ambiguidade criada nesta passagem impõe ao leitor a interpretação de que o narrador está descrevendo seu processo de escrita e nele inclui um sonho que teve, mas ainda pode-se inferir que o autor empírico insinua sua própria forma de compor as obras.

Por fim, em *Teoria Geral do Esquecimento* há, também na parte última do texto (“É nos sonhos que tudo começa”), um trecho que parece uma justificativa do autor para a escrita da obra que acaba de finalizar, explicando que a ideia para ela lhe surge em um sonho:

No sonho, Ludo era uma menina. Estava sentada numa praia de areia branca. Sabalu, estendido de costas, com a cabeça poisada no seu regaço, olhava o mar. Falavam do passado e do futuro. Trocavam recordações; Riam da estranha forma como se haviam conhecido. O riso dos dois sacudia o ar, como um fulgor de aves na manhã dormente. Então, Sabalu ergueu-se:

Nasceu o dia, Ludo. Vamos.

E avançaram ambos em direção à luz, rindo e conversando, como quem entra num barco. (p. 171)

Novamente o sonho aparece como instigador da composição da obra. O título do capítulo antecipa a análise com a afirmação de que “É nos sonhos onde tudo começa”, fato que será confirmado e explicado pelo escritor no capítulo que se segue.

Nível do autor empírico

Diante de toda abordagem exposta anteriormente e em vista do que o autor empírico expõe em entrevistas e outros textos, é apropriado inferir que a ambiguidade encontrada nos romances entre autor x narrador é proposital. É fato que Agualusa se utiliza dos seus próprios sonhos para compor textos. Diz ele, ao programa “Roda Viva”, que o protagonista de *O Vendedor de Passados* apareceu em sonho, deixando nome e ofício explícitos:

Paulo: Você inventa uma frase ou ela vem?

Agualusa: Muitas vezes vem. Eu sonho. Sonho personagens, por exemplo.

P: Ah, é?

A: Sim. O personagem, esse lembro, outros não me recordo já, mas esse lembro, o personagem de *O vendedor de passados*, eu sonhei.

P: Começou num sonho?

A: Sim, ele me apareceu num sonho e disse: Me chamo Félix Ventura e vendo passados aos novos ricos.

Não apenas nas três obras aqui analisadas, Agualusa ainda comenta, em entrevista ao “Jornal do Comercio”, sobre o papel do sonho na composição de outros romances, como *A vida no Céu*, por exemplo, falando também da importância do sonho em seu trabalho:

JORNAL DO COMMERCIO - Como surgiu *A Vida no Céu*? Havia uma ideia pronta, roteirizada, ou ela foi tomando vida enquanto ia sendo criada?

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA - Surgiu de um sonho. Sonhei com uma frase, essa frase, “a vida no céu”, e na manhã seguinte, enquanto ia despertando e organizando o meu dia, aquele mundo flutuante começou a crescer dentro do meu espírito. Ao final do dia, eu já estava a viver naquelas aldeias suspensas entre as nuvens, nos dirigíveis grandes como cidades, já sabia até como era nascer e crescer nas balsas e nas redes. Nos dias seguintes fui criando os personagens.

[...]

JC - Você vai inventando um mundo, imaginário, fictício, e vai nos fazendo acreditar nele. Este é, afinal, o poder e objetivo maior da literatura? Levar-nos ao sonho?

AGUALUSA - Que bom que você diz isso. Sim, claro, a boa literatura é aquela que nos faz acreditar noutros mundos. É aquela que nos faz ser outras pessoas. Enquanto lemos o livro somos aquele narrador, somos um determinado personagem. Se isso acontecer, ao sairmos do livro sairemos sempre modificados. A boa literatura humaniza.

[...]

JC - Considera-se um sonhador? E com o que sonhas?

AGUALUSA - Estou a escrever um romance sobre sonhos. Sou um sonhador no sentido literal. Sonho muito. Quando me deito para dormir estou a ir para o trabalho. Sonhar faz parte do meu ofício.

Deixando de lado brevemente a função onírica em sua literatura, Agualusa propõe reflexões sobre a necessidade de se repensar e retomar mais atenciosamente o sonho por ele mesmo. Segundo palavras do escritor à revista “Visão”, o sonho tem perdido importância, mesmo pelo fato de que “as pessoas substituíram o sonho por sonhos já construídos, como a televisão – adormecem a ver TV, sonham com as coisas que veem lá...” e conclui dizendo que “o sonho merece mais atenção”.

Por fim, há relatos do interesse do autor pelo sonho em uma coluna escrita por ele próprio para “O Globo”. Diz:

Acho possível viver sem Deus. Acho difícil viver sem Deus e sem sonhos. A reabilitação do sonho é pois um dos grandes desafios do nosso tempo. Precisamos reaprender a sonhar. Naturalmente, tropeçaremos algumas vezes. Cairemos outras tantas. Paciência. Só inventando novos sonhos, novos ideais, afeiçoando-os ao presente, discutindo-os, melhorando-os, conseguiremos vencer a apatia e o vazio e progredir. Muitos poetas já disseram isso, antes de mim, e melhor. Estou a lembrar-me, por exemplo, de Sebastião da Gama: “Pelo sonho é que vamos, / comovidos e mudos. // Chegamos? Não chegamos? / Haja ou não haja frutos, / pelo sonho é que vamos.

Assim, diante de declarações do próprio autor, corrobora-se a relevância do estudo e da compreensão do papel do sonho nas narrativas por ele escritas, visto que a temática e a análise propostas vão muito além das páginas lidas.

Entrelaçamento

Quando um leitor tem um livro de José Eduardo Agualusa em mãos pode esperar de tudo: de uma história com vários narradores a uma com um narrador-*osga*, por exemplo. Este escritor, como já dito, inova ainda quanto ao entrelaçamento, frequentemente ligando os núcleos de seus romances, e também os romances uns com os outros. Há citações que se repetem, ideias que se completam e teorias que se justificam.

Em *O vendedor de passados* aparece, em uma recordação de Eulálio quando na forma humana anterior, o seguinte trecho:

Ocorre-me às vezes um infeliz verso cujo autor não recordo. Provavelmente sonhei-o. Será talvez o refrão de um fado, de um tango, de algum velho samba que escutei em criança:

– O pior pecado é não amar. (AGUALUSA, 2004, p. 36)

Tal ideia está igualmente em *As mulheres do meu pai*, num anúncio deixado por Fatita de Matos ao descobrir sobre a morte de Faustino Manso: “Pecado é não amar. Pecado maior é não amar até ao fim do amor. Não me arrependo de nada, Tino, meu seripipi. Repousa em paz.” (AGUALUSA, 2007, p. 33)

Outro entrelaçamento entre estas duas obras está no fato de que ambas compartilham a ideia de que os sonhos são, de certa forma, melhores do que a realidade. Em um sugere-se que “os (meus) sonhos são, quase sempre, mais verossímeis do que a realidade” (AGUALUSA, 2004, p. 50), quando a *osga* compara a cena de um sonho que acaba de narrar e a cena que presencia ao

acordar; e em outro, no capítulo chamado “os sonhos cheiram melhor do que a realidade” há um tipo de brincadeira com a distorção da realidade nos sonhos, pois ao mesmo tempo em que Laurentina sente-se nostálgica e feliz por lembrar-se de uma África idealizada, Mandume a faz notar que a verdade é, ao contrário, envolta em pobreza e falta de higiene:

– Ah, Moçambique! Foram anos felizes. Às vezes sonho com aquele tempo. Depois acordo e ainda sinto nos lençóis o cheiro de África. Quem não sabe o que é o cheiro de África não sabe a que cheira a vida!...

[...]

– O cheiro de África?! Cheira a xixi, caramba!...

Fiquei calada. Cheirava mesmo. (AGUALUSA, 2007, p. 43-44)

Nota-se também que um personagem, Magno Moreira Monte, perpassa tanto *As mulheres do meu pai* como *Teoria geral do esquecimento*, com mesmo nome e profissão. No primeiro é lembrado no momento em que Mandume encontra o cartão que o próprio detetive o entregou, caso precisasse de ajuda com Alfonsina, a menina que encontra na praia:

Há pouco, enquanto arrumava a roupa, encontrei no bolso de uma das minhas camisetas um cartão de visitas: ‘Magno Moreira Monte – Empresário, Poeta, Detective Privado – Rua Frederick Engels, nº 13, Luanda – Tel. +244222394957’. (AGUALUSA, 2007, p.217)

e no segundo durante toda a narrativa Monte é o detetive que colabora em diversos casos, inclusive o da protagonista Ludo:

Magno Moreira Monte acordou, numa manhã sem luz, sentindo-se como um rio que houvesse perdido a foz. Uma chuva lenta morria lá fora. A mulher penteava-se, de calcinha e sandálias, sentada na cama. (AGUALUSA, 2012, p.111)

Por fim, um trecho em que Félix Ventura ouve a história de um de seus clientes parece revelar, ao mesmo tempo e quase imperceptivelmente, a realidade por trás das obras de Agualusa:

O homem olha-o com curiosidade. A voz dele torna-se mais suave. Quase sonhadora:

– Todas as histórias estão ligadas. No fim tudo se liga. Suspira: - Mas só alguns loucos, muito poucos e muito loucos, são capazes de compreender isso. (AGUALUSA, 2004, p. 185)

Aqui o autor expõe nitidamente a ligação que une todas as histórias e todas as obras de uma forma geral, afirmando que apenas os que conseguirem fugir da superficialidade e forem mais a fundo no estudo dos textos podem perceber tal correlação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações feitas no decorrer da escritura desta monografia, fica claramente perceptível a importância do sonho na feitura das narrativas de José Eduardo Agualusa. O escritor angolano se baseia tanto em sonhos de personagens quanto em sonhos dele próprio para constituir suas obras, deixando em trechos esta justificativa explícita.

Ao se pensar sobre o nível da diegese, o material onírico influencia no decorrer da história. As personagens utilizam de seus sonhos nas realidades físicas, em forma de instigadores ou tópicos reflexivos para atitudes a serem tomadas. Quanto ao nível da narração é descrita a ambiguidade proposital criada pelo autor sobre a tessitura do texto, fazendo com que o leitor fique em dúvida quanto à autoria de certas frases ditas. O sonho, aqui, é entendido como ponto inicial para o narrador, bem como para o próprio Agualusa. Já no último nível analisado, o do autor empírico, apresenta-se a confirmação do escritor sobre as conclusões antes obtidas. Há uma afirmação da relevância do sonho em seu ofício e em seu modo de ver a vida.

Dentro do tópico final denominado ‘Entrelaçamento’, conclui-se que, para além dos itens anteriormente descritos, o sonho é conteúdo fonte para compor a ligação que existe entre as histórias de cada romance e entre os romances por eles mesmos.

Sendo assim, é interessante dizer que o tema aqui discutido é assunto de grande estudo, abordagem e relevância para o autor, que chega à conclusão de que:

“Conheço pessoas que passaram por esta experiência e entraram em pânico. Outras, em êxtase. Muitas falam em embriaguez, a maioria em sonho. [...] - Levem os sonhos a sério - sussurrou. - Nada é tão verdadeiro que não mereça ser inventado.” (AGUALUSA, 2007, p. 550)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, José Eduardo. *As mulheres do meu pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

_____. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

_____. *Teoria geral do esquecimento*. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

CEIA, Carlos. *E-dicionário de Termos Literários*. **Encaixe**. Disponível em:

<www.edtl.com.pt/business-directory/6862/encaixe/>

JORNAL DO COMMERCIO. Entrevista de 19/07/2015. Disponível em:

<<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/07/19/e-m-conversa-exclusiva-com-o-jc-jose-eduardo-agualusa-fala-sobre-novo-romance-190910.php>>.

O GLOBO. Coluna de 06/04/2015. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/e-urgente-reabilitar-sonho-15787992>>.

RODA VIVA. Entrevista de 04/07/2011. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=VXrQFihuI5w>>.

VISÃO. Entrevista de 15/06/2013. Disponível em:

<<http://visao.sapo.pt/jose-eduardo-agualusa-o-sonho-merece-mais-atencao=f735514>>.